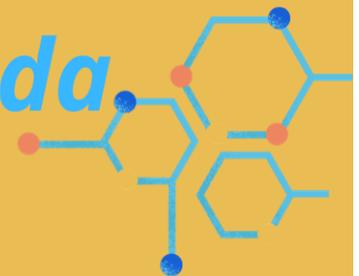


Fronteiras da Representação do Conhecimento

Dossiê Temático: março 2023

Fundamentos da Modelagem de domínios



Guest Editor:

Prof. Carlos Marcondes, PhD

Revista Semestral, Vol. 3, n.2, ano III
Ciência da Informação, UFMG

Fundamentos da modelagem de domínios

Carlos Henrique Marcondes¹

É experiência familiar a todo ser humano desejar algo que está totalmente além de seus recursos presentes, e complementar esse desejo com a pergunta “Meu desejo dessa coisa seria o mesmo se eu dispusesse de amplos meios de realizá-la?”. Para responder a essa pergunta, ele examina seu interior, e ao fazer isso realiza aquilo que denomino observação abstrativa... Observa o que imaginou (PEIRCE, CP 227, p. 362)

Representar é, talvez, um dos traços distintivos da espécie humana. Nossa capacidade cognitiva permite-nos imaginar uma situação em nossa mente e observar este produto de nossa imaginação. Naturalmente que esta capacidade cognitiva não surgiu isoladamente. Seu desenvolvimento só pode ser entendido simultaneamente e no seio de uma vida social rica e diversificada e da capacidade de trocar socialmente descrições destas situações imaginadas que é dada pela Linguagem e pela Cultura.

A Linguagem é uma construção social que não depende de cada um dos seus falantes individualmente. Estes existem e são socializados na e através da Linguagem. A Linguagem permite ainda que cada um dos indivíduos de um grupo social, além de partilharem as situações que imaginaram em suas mentes individuais, possam também ajustá-las em uma visão mais ou menos comum e assim, articularem suas ações, sem o que sociedades humanas cada vez mais complexas seriam caóticas e não funcionariam.

A realidade não é caótica. Conseguimos identificar diferentes coisas e seus limites. Os invariantes das sensações da realidade são conceitualizados e nos permitem

¹ Doutor em Ciência da Informação, Professor do PPGCI/UFF e do PPG-GOC/UFGM, pesquisador do CNPq, email: ch_marcondes@id.uff.br, CVLattes: <http://lattes.cnpq.br/6126712875843734>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0929-8475>.

construir coletivamente e partilhar uma visão praticamente comum da realidade, de modo que as sociedades possam humanas agir coletivamente e articuladamente.

Um conceito é, assim, um ente semiótico, uma relação triádica entre um signo, que intermedia a (uma determinada) percepção de um objeto (real, imaginário, ou outro signo) com potencial de gerar como efeito um interpretante (um outro signo) na mente de um possível intérprete.

Esta construção coletiva, através de sistemas de signos compartilhados (em uma Linguagem) e consensados em uma descrição comum – um modelo - de uma dada realidade, se move entre três polos. O *quê, que coisas*, existem neste recorte, ou domínio (HJØRLAND 2017) da realidade, *como podemos conhece-la, como podemos representar e partilhar este conhecimento*. São os polos da Ontologia, da Epistemologia e da Semiótica, em constante interação dialética na vivência de uma comunidade social com a realidade, e que são colocados em jogo ao criarmos um modelo de um domínio da realidade.

A Organização do Conhecimento sempre foi uma área onde prevaleciam os métodos empíricos, pouco formais, sem bases teóricas e conceituais. O cenário atual do “Big Data” e da Web Semântica se tornou ainda mais complexo e exige cada vez mais o desenvolvimento de sistemas de informação nos quais representações do conhecimento sejam formais, sustentadas, justificadas e não contraditórias. Tudo isto para que estas sejam também processáveis por máquinas². Todo Sistema de Organização do Conhecimento contemporâneo se apoia nas tecnologias de informação. Só assim poderemos dar conta dos desafios impostos por este cenário. Isso demanda, cada vez mais, modelos explícitos dos domínios como pré-condição para o desenvolvimento destes sistemas.

O objetivo deste número especial sobre “Metodologias de Modelagem de Domínios no contexto da Organização do Conhecimento” é duplo; primeiro, colocar lado a lado e permitir identificar pontos em comum, metodologias de modelagem de domínios no contexto da Organização do Conhecimento que vem sendo utilizadas; e segundo, disseminar estas metodologias na comunidade brasileira de Organização do

² Machine-actionable data, ver em <https://www.go-fair.org/resources/go-fair-workshop-series/metadata-for-machines-workshops/>

Conhecimento, de modo a agregar valor ao desenvolvimento de sistemas de organização do conhecimento no Brasil.

Referências

HJØRLAND, Birger. Domain analysis. In: ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization, Birger Hjørland and Claudio Gnoli (eds). ISKO: 2017. Disponível em: https://www.isko.org/cyclo/domain_analysis. Acesso em: 19 fev. 2021.

PEIRCE, C. S. *COLLECTED PAPERS OF CHARLES SANDERS PEIRCE*. vol 1. PRINCIPLES OF PHILOSOPHY. HARTSHORNE, C.; WEISS, P. (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1931. Disponível em: <https://colorysemiotica.files.wordpress.com/2014/08/peirce-collectedpapers.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

SAAB, David J.; RISS, Uwe V. Information as ontologization. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 62, n. 11, p. 2236-2246, 2011. Disponível em: <http://www.djsaab.info/pubs/Saab_Riss_JASIST2011_Ontologization.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2015.